

Carta para mulheres e meninas que se atrevem a criar

Inspirada por Alexandra Martins Costa* e Glória Anzaldúa**.

Por Luísa Gabriela***



* Alexandra Costa Martins (Brasília, 1984) é pisciana, pesquisadora e artista lésbica. Trabalha com colagem, palhaçaria, *performance*, ações, vídeos/filmes, comunicação e mais. Nos conhecemos na Universidade, durante a seleção para o Mestrado em Gênero, Mulheres e Feminismos no NEIM/UFBA. Um encontro afetivo se estabeleceu mesmo antes da aprovação do curso e a parceria se concretizou com o projeto de Extensão Universitária Roda Arte e Ativa, junto ao PPGNEIM/UFBA e às artistas Joana Brandão e Luana Calasans.

** Glória Anzaldúa (EUA, 1942 -2004). Em 1981, Anzaldúa y Cherrie Moraga editaram o livro *This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color, uma mistura de poesia e outros textos sobre a vida como feminista em um país de terceiro mundo*. Em 1990, Anzaldúa escreve *Making Face, Making Soul/Haciendo Caras: Creative and Critical perspectives by Feminists of Color*. Em 1995, publicou *Friends from the Other Side/ Amigos del otro lado*. Em 1996, *Prietita and the Ghost Woman/ Prietita y la llorona*. Anzaldúa escreveu sobre temas políticos como a cultura chicana, a teoria feminista e lésbica. Em 1999, seu livro *Borderlands: The New Mestiza = La Frontera*, mostra sua própria vida como uma criança mexicana crescendo no valle de Tejas próximo da fronteira mexicana” (In <https://gloriaeanzaldua.weebly.com/> - tradução livre)

*** Licenciada em Educação Artística e Bacharela em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia.

Salvador, dezembro de 2017.

Querida Alexandra e todas as mulheres e meninas atrevidas,

Fico feliz em escrever essa carta motivada por você, estou aqui, sangue pulsante, carne, suor e secreções, viva e graças a vocês. Graças à minha mãe, Angélica Celeste Mirinhã, uma mulher negra, artista de sua vida, artista da reinvenção, vileira¹, psicóloga, especialista em direito à cidade, aquela que mantém vibrantes os ensinamentos de nossas ancestrais, que me incentivou a ser ousada, a criar, a sorrir, cantar e a inventar um mundo para o bem viver². Dedico a ela, Anja Celestial da minha vida e da vida de tantas meninas e mulheres, esta carta e todo amor do mundo são para você. Dou graças também a você, Alexandra, aquela que cultiva os encontros atenciosos, o interesse e a disponibilidade para materializar sonhos de uma poética/científica, de uma inscrição de nós artistas anormais. Seu convite para que escrevêssemos uma carta com o título “Carta para Glória Anzaldúa ou Tecendo as línguas para além da caneta” vai diretamente de encontro com o que estamos produzindo. Sua proposta me inspirou muito e aqui estou, meu sangue pulsante, a escrever para você e todas as criadoras. No meio do furacão que está a vida leio suas reflexões sobre os obstáculos que enfrentamos na atuação criativa – na academia, em nossas pesquisas, em nossa arte, nos nossos corpos – e em nossa existência. Penso em minha mãe e em nossas conversas sobre bloqueios na escrita, os obstáculos que foram impostos a ela, e a vontade de transpor essas barreiras. Destaco, especialmente, este trecho das cartas que escreveste, Alexandra:

1 “Vileira”, no popular, é uma expressão que designa aquela que mora na vila. No caso específico de Porto Alegre/RS, cidade onde crescemos, a vila é uma comunidade (conjunto de residências) popular e, comumente, de baixa renda.

2 “A sabedoria milenar que herdamos de nossas ancestrais se traduz na concepção do Bem Viver, que funda e constitui as novas concepções de gestão do coletivo e do individual; da natureza, política e da cultura, que estabelecem sentido e valor à nossa existência, calcados na utopia de viver e construir o mundo de todas(os) e para todas(os).” (extraído do manifesto da Marcha das Mulheres Negras, 2015) “Sin embargo, el Buen Vivir es una filosofía de vida igualmente existente en los otros países de la región Andina, como Colombia, Perú y Venezuela; que pervive en las luchas de otros pueblos del Abya Yala y emerge como resistencia a la colonización, por ejemplo, con los zapatistas en Centroamérica; los mapuches, en Suramérica, o las primeras naciones de Norteamérica. (SALAZAR, 2016, p. 353)

Há um medo recorrente que atravessa várias de nós, mulheres criadoras e criaturas, quando o medo de voar se torna maior do que nossas asas. Quer dizer: é comum que deslegitimemos nossas próprias produções e nos autodepreciamos enquanto manejadoras de ricos produtos culturais. (COSTA, Alexandra M. 2017)

Você tem razão no que fala e, nas palavras escritas por Glória Anzaldúa, nas cartas de 1980, onde são denunciadas as narrativas que colaboram para isso. Que desautorizam as “mulheres de cor”, as mulheres do “terceiro mundo” a criarem. Mas o atrevimento dessas mulheres é imenso e é disseminado mais e mais. Aprofundam-se as ações sendo expostos os problemas dessa sociedade moderna/colonial³.

Como é difícil para nós *pensar* que podemos escolher tornar-nos escritoras, muito mais *sentir* e *acreditar* que podemos! O que temos para contribuir, para dar? Nossas próprias expectativas nos condicionam. Não nos dizem a nossa classe, a nossa cultura e também o homem branco, que escrever não é para mulheres como nós? (ANZALDÚA, 2000, p. 230)



Nhanderu, 2017, nanquim e lápis de cor

3 “O sistema de poder global, capitalista, moderno colonial, que Anibal Quijano caracteriza como tendo início no século XVI nas Américas e em vigor até hoje, encontrou-se não com um mundo a ser estabelecido, um mundo de mentes vazias e animais em evolução. Ao contrário, encontrou-se com seres culturais, política, econômica e religiosamente complexos: entes em relações complexas com o cosmo, com outros entes, com a geração, com a terra, com os seres vivos, com o inorgânico, em produção; entes cuja expressividade erótica, estética e linguística, cujos saberes, noções de espaço, expectativas, práticas, instituições e formas de governo não eram para ser simplesmente substituídas, mas sim encontradas, entendidas e adentradas em entrecruzamentos, diálogos e negociações tensos, violentos e arriscados que nunca aconteceram.” (LUGONES, 2014, p. 941)

Quase quarenta anos depois sabemos que houve mudanças, porém, há muita violência direcionada contra mulheres e meninas populares, do campo, da cidade, das matas, dos desertos, trans, cis, lésbicas, bissexuais, indígenas, negras... O genocídio das populações indígena e negra; o aumento da violência motivada pelas lgbttifobias; o controle, manipulação e exploração dos bens comuns: terra, água, fogo, ar; dos alimentos; a extinção da vida como conhecemos movimenta o cenário e se presentifica a cada dia. Sabendo do potencial da vida em se renovar tenho a certeza de que a vida sempre viverá. E aí encontra-se a força e a importância dos ensinamentos de Glória Anzaldúa e de sua iniciativa Alexandra:

Por que eles nos combatem? Por que pensam que somos monstros perigosos? Por que somos monstros perigosos? Porque desequilibramos e muitas vezes rompemos as confortáveis imagens estereotipadas que os brancos têm de nós: A negra doméstica, a pesada ama de leite com uma dúzia de crianças sugando seus seios, a chinesa de olhos puxados e mão hábil — “Elas sabem como tratar um homem na cama” —, a chicana ou a índia de cara achatada, passivamente deitada de costas, sendo comida pelo homem a la La Chingada. (ANZALDÚA, Glória. 2000, p. 231)

E a gente se revolta, disse Glória em sua carta, nas voltas que o mundo dá, essas mulheres (nós mesmas) criamos com as próprias mãos as palavras, imagens, objetos, gestos e histórias de si mesmas. Lembro o trabalho que desenvolvi entre 2012 e 2013, num tempo em que eu era uma feminista sem me saber feminista, que eu acreditava que “louca”, “sem noção”, “fora da casinha” eram adjetivos adequados para mim e meu trabalho como artista. Nesse tempo da conclusão do curso de Bacharelado em Artes Visuais produzi sete livros de artista⁴ a partir do encontro com os mercados públicos das cidades de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul e de João Pessoa, na Paraíba. A residência artística⁵ nas duas cidades me proporcionou os primeiros encontros e deslocamentos com o nordeste brasileiro, território abençoado que me mostra os

4 “Há um amplo espectro de trabalhos que podem ser denominados livro de artista. Desde livros únicos com características matéricas ou escultóricas, passando por materiais realizados artesanalmente em pequenas tiragens, múltiplos publicados manual ou industrialmente, até livros totalmente industriais construídos visualmente com o conceito de livro de artista. As fronteiras entre um tipo e outro de livro são fluidas e imprecisas”. (SOUZA, 2009, p.25)

5 A residência artística é uma modalidade de criação em que o artista convive com um lugar específico e deve produzir um trabalho a partir dessa vivência. Envolve o apoio à criação que pode ocorrer com recursos financeiros diretos ou indiretos.

saberes e não-saberes da vida a cada dia. Neste trabalho, eu tinha as duas cidades como cenários e os livros de artista como um lugar possível, o processo criativo se construía desenhando a experiência cotidiana nesses lugares.

Em Porto Alegre, conta-se que um príncipe negro com nome Custódio Joaquim de Almeida (Osuanlele Okizi Erupê - Golfo da Guiné, 1832 - Porto Alegre, 1935), morador da cidade, líder religioso africano, realizou, no lugar onde os quatro corredores principais do Mercado Público se cruzam, um assentamento⁶ para Bará⁷. Todo ano, em meio ao fluxo constante de compra e venda, exatamente na encruzilhada, acontecem festejos em homenagem a esse e outras entidades.



Figura X. Detalhe do monumento à Bará no Mercado Público de Porto Alegre em dia de festa, 2013.

Um dos livros que produzi dialoga com essa história de Exú. O *livro-corpo, livro de vestir* representa o movimento de criação, esse ato inicial que Exu, ele expressa a tentativa (simbólica) de mobilizar diálogos entre as duas experiências, de Porto Alegre a João Pessoa e de João Pessoa a Porto Alegre. Desenhando no Mercado Central de João Pessoa percebi, em um de seus muitos galpões, os grandes sacos de nylon que são

6 Assentar é “Fixar ritualmente as características e a energia sagrada de (um orixá ou entidade afim) num objeto (p. ex. Pedra) ou ser (p. ex. árvore) ou na cabeça da iniciada”. (Nova Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, 3ª ed. 2004.

7 Na mitologia afro-brasileira, Bará é uma qualidade de Exu, entidade representada pela cor vermelha, aquele que é mensageiro dos Orixás, que leva as chaves dos caminhos, dos portais, da encruzilhada. É o primeiro a ser reverenciado na hierarquia de saudações iorubanas e, segundo a história contada e recontada pelos comerciantes do Mercado Público de Porto Alegre, é o guardião do Mercado.

utilizados para a organização da farinha e dos cereais, eles preenchem a paisagem.



Homens lendo livro-corpo. Mercado Central de João Pessoa/PB, 2012.

Procurei utilizar essas superfícies, que continham um produto tão importante para a cultura local, para construir um *livro-corpo* conteúdo do lugar. Internamente ele se desdobra em referência à cultura local, à literatura de Cordel passando por atitudes de comerciantes e usuárias, incluindo aspectos do corpo e da fala dos sujeitos observados. A superfície instável dos sacos acolhe o desenho, mas de um modo bastante diferente daquele do papel. Em meio aos corpos dilatados pelo calor e a tradição oral, presente no cotidiano nordestino, contado e cantado através das narrativas, essa tal instabilidade pareceu perfeita para o corpo humano. Mostrando-se disponível para o movimento e a dança, o *livro-corpo* virou *livro de vestir*.

Construo, tal como os Parangolés⁸ de Hélio Oiticica, um corpo mole. Repleto de imagens palavras, nem estandarte ou capa, mas livro ou saia que tem em seu conteúdo alguns ouvidos, ditos e escritos da experiência. Não pude dançar com o *livro-corpo*, *livro de vestir* em João Pessoa, pois, já era hora de voltar à Porto Alegre. Mas, lá, faço ressurgir a possibilidade unir, simbolicamente, as experiências vividas nos dois Mercados. Busco realizar o cruzamento cultural no cruzamento do Mercado, na encruzilhada de Bará. Num espaço da crença que também passa a ser, não um espaço dionisíaco (em associação com Hélio Oiticica), mas sim *exusíaco*, ligado ao Orixá guardião do Mercado Público e dos meus passos.



Figura X. Vestindo livro-corpo, livro de vestir. Porto Alegre, 2012. Frame de vídeo.



Ação com livro-corpo, livro de vestir. Mercado Público de Porto Alegre, 2012. Foto: Willian Ansolin e Mabel Fricke

⁸ Nas palavras de Oiticica Parangolé era a antiarte por excelência. A pintura, os planos de cor, ganha vida nos corpos dos passistas da Mangueira.



Caminhando na encruzilhada com *livro-corpo, livro de vestir*. Mercado Público de Porto Alegre, 2012. Fotos Willian Ansolin e Mabel Fricke.

Invento movimentos para o livro, uma dança da figura humana e o objeto de sua história. Folheio o tempo e o espaço para criar um lugar para a arte na minha vida. O desenho pode ser como uma inscrição que guarda na memória mais ancestral e a necessidade de ler e interpretar aquilo que nos rodeia e toca, ele é o avô das palavras. E o livro, na história da humanidade, é lugar da palavra por excelência. Ele guarda os segredos que a memória dissipa, e tem a pretensão de apresentar a “verdade” dos deuses. Para mim, são objetos transportáveis, capazes de suportar o peso e a leveza da experiência do mundo, são habitados em sua feitura e podem ser lidos e vistos em caminhos que, com frequência, deixam de ser lineares. Eles marcam uma presença cotidiana e também marcam uma ausência por serem únicos e locais. Artesanalmente criados mantêm presentes as cicatrizes de sua existência, da especificidade de terem sido pensados para tentar dizer do lugar de onde vem. O limite no alcance de sua comunicabilidade talvez os torne imperfeitos e por isso

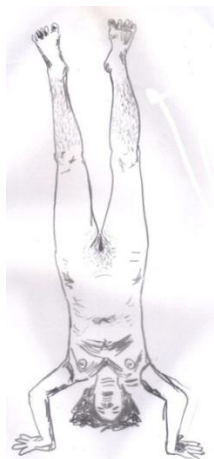
substância de um fazer-ser. Meus livros contam histórias que não tem um começo, nem um fim. Mas tem um meio, lugares e várias motivações, são de aventura, com tempos distintos, cheios de eventos, várias dimensões, carne e osso. Cada livro é como um corpo. Contam histórias de viagens que se projetam no espaço, reverberam nas pessoas. Eles contêm imagens, histórias de imaginação, de desenho e de palavra, de palavras desenhadas. Podem ser vistos como um espaço para a liberdade e a experimentação. Não tem receio de parecer como um grande espaço cenográfico.

Quase cinco anos depois da produção deste trabalho retorno ao nordeste brasileiro, e desta vez, para fazer uma pesquisa sobre artistas mulheres e suas produções. O mal estar passou e agora posso me autodeclarar ARTISTA, posso me declarar FEMINISTA, mas isso não basta. Percebo na brancura de minha pele os privilégios raciais que precisam ser, reiteradamente, questionados e expostos como parte do racismo estruturante. Percebo essa brancura também presente no campo das artes em todas as áreas da cultura. Por isso, busco em minhas práticas reconhecer, expor e questionar esses lugares de privilégio indo também em busca de outras referências. Sou um corpo de aprender/ensinar, de mulher branca, descobrindo a bissexualidade, popular, filha de um relacionamento interracial (de mãe negra e pai branco), nascida e criada ao sul do Brasil e em trânsito com os territórios afroindiobrasileiros. O corpo, nossos corpos, que mesmo num cenário de desigualdades raciais, sociais, de gênero, da homogeneização das culturas, da punição das diferenças e da exploração dos seres vivos quer viver a poesia:

Eu digo, mulher mágica, se esvazie. Choque você mesma com novas formas de perceber o mundo, choque seus leitores da mesma maneira. Acabe com os ruídos dentro da cabeça deles. Sua pele deve ser sensível suficiente para o beijo mais suave e dura o bastante para protegê-la do desdém. Se for cuspir na cara do mundo, tenha certeza de estar de costas para o vento. Escreva sobre o que mais nos liga à vida, a sensação do corpo, a imagem vista, a expansão da psique em tranquilidade: momentos de alta intensidade, seus movimentos, sons, pensamentos. Mesmo se estivermos famintas, não somos pobres de experiências. (ANZALDÚA, Glória, 2000, p.235)

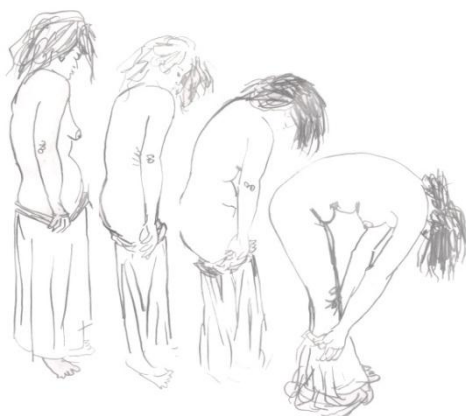
Glória faz tantas reflexões importantes, Alexandra. Eu sei que o espaço aqui é tão pequeno em relação às possibilidades de pensarmos todas as questões que são colocadas. A linguagem da arte também é um espaço em disputa e nós podemos, nós podemos! Nós sabemos

falar essa língua, do nosso jeito, do jeito que quisermos. “Liberdade é não ter medo” disse a artista negra Nina Simone. Crie sempre, todo dia. Pode ser simples, pode ser complexo. Pode ser com qualquer material que vocês tiverem disponíveis.



Autorretrato 1, 2015, desenho com grafite.

Lembro de Maria Carolina de Jesus e sua produção literária, um pedaço de papel e um lápis são suficientes. Desenhe, cole, recorte, pinte e brinque com essas linguagens, jeitos de dizer nossos, jeitos de dizer ancestrais. Críticos e científicos podem ser arrogantes e “visionários que não veem” como diz Glória, eles farão questão de dizer que você não pode. E a crítica que Glória faz ao “homem branco” não é um ataque às pessoas que se enquadram nesse fenótipo, mas sim a revelação da racialidade do branco (da ausência de neutralidade) e da ideologia da branquitude. Tal ideologia posiciona o sujeito branco (nórdico) e sua cultura (androcêntrica, patriarcal, etc) como norma, negando a existência humana àqueles que são diferentes desse modelo (LUGONES, 2014, p. 943).



Autorretrato 2, 2015, desenho com grafite.



Autorretrato 3, 2015, desenho com grafite.

A noção de “raças” foi um discurso construído, inicialmente, com apoio da Igreja Católica e, em seguida, com argumentos pseudocientíficos (MUNANGA, 2004). No caso de uma pesquisa realizada em São Paulo, a branquitude e a hierarquização das pessoas (com brancos posicionados no topo) vem carregada de noções como *status*, superioridade e qualidade moral. E está, diretamente, relacionada à contraposição em relação a negros, indígenas, japoneses. (SCHUCMAN, 2012, p. 73) Glória Anzaldúa diz pra gente:



Autorretrato 4, 2015, desenho com grafite.

A mulher do terceiro mundo se revolta: Nós anulamos, nós apagamos suas impressões de homem branco. Quando você vier bater em nossas portas e carimbar nossas faces com ESTÚPIDA, HISTÉRICA, PUTA PASSIVA, PERVERTIDA, quando você chegar com seus ferretes e marcar PROPRIEDADE PRIVADA em nossas nádegas, nós vomitaremos de volta na sua boca a culpa, a auto-recusa e o ódio racial que você nos fez engolir à força. Não seremos mais suporte para seus medos projetados. Estamos cansadas do papel de cordeiros sacrificiais e bodes expiatórios. (ANZALDÚA, 2000, p. 231)



Autorretrato 5, 2015, desenho com grafite.



Le diable feminista, 2016, pintura acrílica sobre tecido.

Acreditar em nossas criações, a Roda de Arte e Ativa

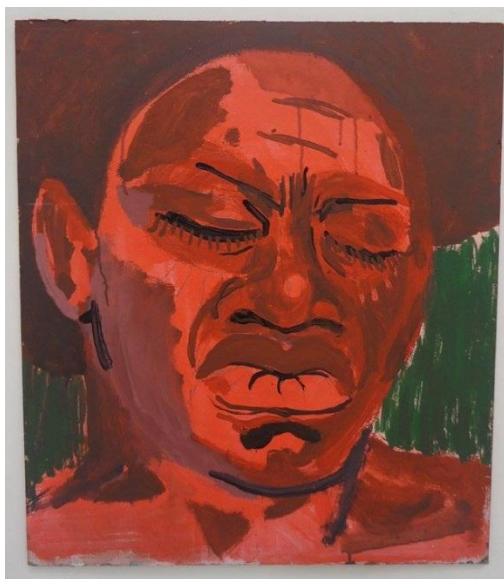
As provocações dessas mulheres são realmente inspiradoras, não? Elas convidam a gente para saltar com elas no voo da criação e ter a capacidade de dizer “eu sou artista e este é o meu corpo”. Um corpo que sofre mas que canta. Um corpo que não tem autonomia, que não se conhece, mas que inventa a autonomia e a si mesmo com imagens e ações artísticas. Reforço aqui a importância das redes de apoio entre mulheres artistas, em especial, aquelas que têm uma atuação voltada para os questionamentos sobre esses privilégios. Destaco também as políticas públicas de ações afirmativas como ações de extrema importância para o meu empoderamento, e de milhares de pessoas, no Brasil. Apenas começamos a contar nossas próprias histórias.

Alexandra, os encontros com outras mulheres artistas que pudemos realizar junto com Joana Brandão e Luana Calasans no PPGNEIM/UFBA, foi muito especial (Projeto de extensão Roda de Arte e Ativa). Insistimos na roda de conversa como uma metáfora para a espiral, uma imagem que cura e nos conecta com uma geometria sagrada. Em encontros quinzenais com outras artistas de Salvador partilhamos experiências e renovamos o espírito.⁹ Mas o atrevimento em criar e proclamar a fala, a escuta e o diálogo com outras como nós (algumas desenharam, pintam, modelam, outras poetizam, declamam, musicam, cantam, outras dançam, filmam, dirigem, fotografam...) não nos impede de duvidar. Também nos perguntamos como começar, como usar dos códigos do colonizador, impostos nessa formalidade intimidadora que aciona a exclusão, para ir em direção ao bem viver. Um mal estar nos toma. A tensão estala nas costas, no pescoço, atrás dos ouvidos, silenciosamente, escutamos uma voz que afirma: *o que você tem a dizer não importa. Quem vai querer saber dessa porcaria? Você não é capaz!*

Ficamos surpresas com a nitidez com que ouvimos esta voz ruidosa, pausamos. Levantamos da cadeira e movemos nossos corpos incessantemente. Balançamos a cabeça de um lado a outro para movimentar as ideias, soltar os músculos, respirar profundamente e silenciar.

⁹ Nos reunimos entre algumas colegas que estamos interessadas em fazer algo artístico-cultural dentro do PPGNEIM-UFBA e pensamos no Projeto Roda Arte e Ativa encontros quinzenais com artistas de várias linguagens lugares e marcas: visuais, plásticas, atrizes,

Depois disso, já mais relaxadas, sentamos novamente e recomeçamos.



Aquele que guarda a minha casa, 2016, pintura acrílica sobre compensado.

De onde vem esta voz que proclama uma incapacidade pré-determinada, podemos perguntar à Glória? São esses “olhos brancos” que falaste, eles nos miram e dizem que seremos sempre inadequadas. Não temos permissão de romper as imagens estereotipadas e querer ocupar os seus lugares de criadoras de mundos proclamando: somos seres-humanos. Realmente, não temos escolha. Nos vemos na obrigação de ocupar os espaços e disputar o direito de ser e criar apesar das suas implicações, precisamos “mostrar que podemos”. Se deixar marcar com o conceito de artista-pesquisadora (acadêmica) pode ser um conflito que gera adoecimentos físicos, psíquicos... mas ao mesmo tempo achamos que não se deve jogar fora nenhuma possibilidade de agenciamento e ocupação. Queremos nos aproximar e poder reinscrever testemunhos de mulheres como bell hooks:

Quando o trabalho intelectual surge de uma preocupação com a mudança social e política radical quando esse trabalho é dirigido para as necessidades das pessoas nos põe numa solidariedade e comunidade maiores. Enaltece fundamentalmente a vida. (hooks, 1995, p. 478).

Ou de Maria Lugones:

Quando penso em mim mesma como uma teórica da resistência, não é porque penso na resistência como fim ou meta da luta política, mas sim como seu começo, sua possibilidade. Estou interessada na proliferação relacional subjetiva/intersubjetiva de libertação, tanto adaptativa e criativamente opositiva. A resistência é a tensão entre a sujeitificação (a formação/informação do sujeito)

e a subjetividade ativa, aquela noção mínima de agenciamento necessária para que a relação opressão - resistência seja uma relação ativa, sem apelação ao sentido de agenciamento máximo do sujeito moderno. (LUGONES, 2014, p. 939)

Não seremos mais carimbadas com imagens negativas de nós mesmas. Podemos estar na linha de frente, como artistas, criadoras de outras formas vida, anormais, fora da norma, da normose, essa doença que assola o mundo. Quando você diz que não estamos sozinhas é como se pudéssemos sentir sua presença em nossos corações, correndo em nosso sangue.

Concordamos com você quando nos diz que nenhum assunto é trivial. Sabemos disso e a experiências com os feminismos e com as histórias das mulheres têm nos ensinado mais. O sentimento de desimportância dá lugar a desobediência e ação, não nos importamos mais em ser estranhas em relação às outras meninas e aos meninos; a presença materna, o convívio comunitário, a ausência paterna; os silêncios e violências cotidianas, a pobreza nos ensinam coisas. Éramos feministas sem nos dizer feministas e agora estaremos cada vez mais unidas, ativando, sempre.

Somos nós quem dizemos como as coisas vão ser mostradas, imprimimos imagens de corpos reais, corpos referenciados nas vivências afroindígenas, em outras políticas, outras consciências que ecoam da terra. Transformamos o desentendimento, o silêncio e a dor em movimento, visibilidade, formas, figuras, ações, sons e propagações. Glória está certa, Alexandra! Sobrevivemos graças a nossa capacidade de criar: escrever, desenhar, pintar, modelar, cantar...



Performance "a criação da humanidade"



Experimento 1. Descarrego, 2013, desenho, linha e cera.

A Conceição Evaristo, uma grande escritora afrobrasileira nos disse que “a nossa *escrivência* não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sons injustos.” Por isso nossas criações não estão a serviço do mercado, mas sim a serviço de nossos sonhos, a serviço de nosso público que, como você disse, se motiva e se transforma com nossas criações.

Sabe, Glória, ainda precisamos aprofundar as críticas em relação à cultura dominante em todos os campos das artes, questões sobre privilégio branco, racismo, sexismo, sobre as práticas artísticas e as formas de representação das mulheres, rever as histórias, descolonizar a arte. Uma longa jornada se desenha aí e nos queremos percorrê-la, afinal, você diz que uma mulher que escreve tem poder. Glória, estamos realmente interessadas nas ideias sobre a descolonização. Isso tudo parece muito novo como

ideias, mas antigo como marcas na nossa carne esfolada.

Estamos aprendendo a ignorar a(o)s arrogantes e esnobes e a focar na práxis problematizando nossas formas de criar e as experiências de outras criadoras. Por vezes somos tomadas pelo vento que quer silenciar nossa existência, mas ele não vai apagar nossa centelha, Glória. Quando olhamos para nossas irmãs, são tantas as mulheres que resistem. Resistem + rexistem = (r)existem. Aqui em Salvador você gostaria de conhecer o trabalho de mulheres como Nildes Senna, Michele MatiuZZi, Zinha Franco... (podemos listar mais)



Maresia, 2017, pintura acrílica sobre papel.

As únicas certezas que temos são a morte e que a vida sempre vive. Por isso lutamos por fazer com que nossa passagem neste mundo possa torná-lo um lugar cada vez melhor. Não podemos mais pensar em conhecimento (artístico) sem levar em conta os “(...) processos combinados de racialização, colonização,

exploração capitalista e heterossexualidade. (LUGONES, 2014, p. 941).

Acreditamos que os sons da diáspora negra e indígena e dos feminismos contra-hegemônicos estão reverberando e mostrando os caminhos. Seguem conosco milhares de outras pessoas, mulheres e homens, que também lutaram para que possamos hoje estar aqui escrevendo esta carta: somos as bisnetas de todas as bruxas que não puderam queimar, netas de Dandara, filhas de Tuíra.

REFERÊNCIAS

ALZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo.” *Revista Estudos Feministas*, 2000. v. 8. n. 1

CURIEL, Ochy. *Descolonizando el Feminismo: Una perspectiva desde América Latina y el Caribe*. In Primer Coloquio Latinoamericano sobre Praxis y Pensamiento Feminista, Junio 2009, Buenos Aires. Disponível em: <<http://www.bdigital.unal.edu.co/39749/#sthash.KMGXARz0.dpuf>> Acesso em dezembro 2016.

EVARISTO, Conceição. *Vozes – Mulheres*. In Cadernos Negros, São Paulo, v. 3, 1990.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. In *Representações Performáticas Brasileiras: teóricas, práticas e suas interfaces*. (org) Marcos Antônio

Alexandre, Belo Horizonte, Mazza Edições, 2007, p 16-21.

HOOKS, Bell. **Intelectuais negras**. Estudos Feministas, Vol. 3, Nº 2, 1995, p. 465-477.

LEAL, Priscilla Cruz. Mulheres Artistas: há desigualdade de gênero no mercado das artes plásticas no século XXI? In: **VIII Encontro de Estudos Interdisciplinares em Cultura – ENECULT** – Salvador, 2012.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*. V. 23, n.º 03, 2014, p. 935-952.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira). UFF, Rio de Janeiro, n.5, p. 15-34, 2004.

SCHUCMAN, L. V. Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2012.

SOUZA, Márcia Regina Pereira de. **O livro de artista como lugar tátil**. Dissertação de Mestrado UDESC Santa Catarina, 2009.

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.



Ação com livro-corpo, livro de vestir. Mercado Público de Porto Alegre, 2012. Foto: Willian Ansolin e Mabel Fricke



Luísa Gabriela

g.mirinha@gmail.com

www.flickr.com/luisagabriela

[@soutemporaria](https://www.instagram.com/soutemporaria)



Da mestra matriz: desiguais e diferentes, 2014, xilogravura aquarelada.